

JUVENTUDE E PROJETO DE VIDA NO CONTEXTO DO MOVIMENTO HIP HOP DE CARUARU

Renata Paula dos Santos Moura (UFPE - PIBIC/FACEPE)

Jaileila de Araújo Menezes (UFPE)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo conhecer as demandas dos e das jovens participantes do movimento pela via da investigação de seus projetos de vida e os significados que atribuem ao *hip hop* no contexto da cidade de Caruaru. Este estudo é proveniente de reflexões realizadas no âmbito do projeto de pesquisa: “Juventude e Gênero no contexto do Movimento *Hip Hop*” (APQ-FACEPE 09/2010), coordenado pela professora Jaileila de Araújo Menezes.

As primeiras manifestações do movimento *hip hop* ocorreram nas periferias de Nova York, por afrodescendentes e latinos, na década de sessenta, entretanto, ao longo de sua trajetória tomou proporções em todo o globo, incorporando elementos regionais em muitos países. O movimento *hip hop* reúne quatro elementos artísticos definidos especificamente como um tipo próprio de música e poesia, dança, artes plásticas e discotecagem, que são respectivamente: o RAP (*Rhythm And Poetry* – ritmo e poesia), o *Break Dance*, o grafite, o DJ (*Disque Jôquei*) e o último elemento político denominado como conhecimento, fundamental para a sustentação do processo de transformação social almejado pelo movimento. Como se trata de uma expressão artístico política oriunda das ruas (espaço público) o movimento é composto ainda por um público majoritariamente masculino.

O *hip hop*, enquanto manifestação político-cultural sustenta-se em suas expressões artísticas, discussões e debates promovidos entre os próprios integrantes, ou ao poder público para a reivindicação de direitos (MATSUNAGA, 2008). Assim, compreendemos que a participação em um movimento como o *hip hop* abre um campo de possibilidades para os jovens atuarem politicamente no espaço social, vergar sobre si, a seu favor e em prol da sua comunidade o pertencimento a classe social menos favorecida.

No Brasil surge nos anos oitenta em São Paulo e no final desta década se expande para o nordeste brasileiro. O primeiro registro é de 1988 na cidade de São Paulo, com uma coletânea intitulada “*Hip Hop* cultura de rua”, produzida pela gravadora Eldorado. Na cidade de Recife o *hip hop* também tem início nesse período e hoje se encontra presente em vários bairros da cidade e em outros municípios do Estado de Pernambuco.

As pesquisas desenvolvidas por Alves (2009) no âmbito do movimento na cidade de Caruaru informam o adensamento do *hip hop* nesse contexto. Então, a decisão por interiorizar os estudos acerca da participação juvenil se deve, em parte, por encontrar um campo cultural fértil nesta cidade, cujos estudos referenciam grupos de *hip hop* com significativa atuação na periferia local. Sendo assim, uma vez com familiaridade em relação ao movimento de Recife¹, empreendemos reflexões sobre um segmento de juventude comumente invisibilizado nas pesquisas, a juventude do interior, com destaque para as suas práticas político-culturais e suas vivências das questões de gênero. Entendemos que a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2002).

A respeito da atuação do movimento *hip hop* na cidade de Caruaru, a pesquisa de Alves (2009) destaca a força do RAP, grafite e *Break* nas produções dos jovens de duas localidades (Morro Bom Jesus e bairro Centenário). Ele também ressaltou uma organização dos jovens do Morro Bom Jesus no sentido de se reunir todas as semanas para discutir formas de passar as informações para as pessoas, politizar os irmãos, desenvolver a autoestima dos jovens, buscando soluções mais imediatas para problemas emergenciais como a fome (ALVES, 2009).

Silva (2011) defende em seus estudos acerca do *hip hop* que o movimento preocupa-se em evitar que os jovens sejam influenciados pelas ideologias de dominação econômica, étnica e social. O movimento *hip hop* traz, nas suas práticas, novas formas de interações internas, observadas nas iniciativas de organização coletiva e de intercâmbios entre grupos diversos. Segundo a autora a força de interação do *hip hop* advém de uma série de ações locais, nos bairros, ruas, praças, com grau de autonomia e informalidade em que a coordenação se desloca a cada evento.

Dayrell (2005) afirma que a vivência da juventude, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. O jovem tornasse capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, e é este o momento em que sua inserção social acontece.

¹ COSTA, M. R. & MENEZES, J. A. **A arte na política: um estudo do movimento hip hop da cidade de Recife**. Projeto de Pesquisa – PROPESQ/UFPE 2007-2009; COSTA, M. R. & MENEZES, **Juventude e Gênero no contexto do movimento hip hop da cidade de Recife**. Relatório Técnico Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - 2008-2010.

Período que pode ser crucial para o seu desenvolvimento pleno como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver suas potencialidades. O autor destaca que é nesse processo, permeado de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, que o jovem se defronta com perguntas como: “quem sou eu?”, “para onde vou?”, “qual rumo devo dar à minha vida?”. Essas questões remetem ao projeto de vida que pode ser entendido como a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, capaz de transformar os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida.

O projeto de vida diz de “escolhas” que são feitas a partir de vivências, que segundo Velho (1997) não são puramente subjetivas, é elaborado num campo de possibilidades e estão circunscritas histórica e culturalmente. A partir destas discussões, o presente artigo pretende aprofundar algumas questões que ilustram a pertinência da problemática indicada, sobretudo, levando em consideração a relação do *hip hop* com a idealização dos projetos de vida desses sujeitos; que jovens são esses e com quem podem contar (rede de apoio) para a realização desses projetos e os significados que atribuem ao movimento no contexto da cidade de Caruaru.

O CAMINHO INVESTIGATIVO

Esta pesquisa de inspiração feminista adota uma perspectiva qualitativa, nesse sentido é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Envolve uma abordagem naturalista, interpretativa para o mundo, o que significa que os/as pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, ou seja, locais onde se desenrolam as experiências do cotidiano, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN & LINCOLN, 2006).

Nossos procedimentos para registro de informações foram às conversas informais, as entrevistas com jovens do movimento *hip hop*, o uso de questionários de caracterização dos sujeitos que auxiliaram no procedimento de mapeamento de jovens/*crews* do movimento no local e as observações durante o acompanhamento de atividades dos grupos. O mapeamento dos (as) participantes do movimento *hip hop* da cidade de Caruaru está em processo e obedece ao seguinte roteiro: construção de uma lista de contatos dos/das participantes a partir dos estudos realizados por Alves (2009), e em seguida comparação dessa lista com o que encontramos no campo, ou seja, reorganizamos o material e acrescentamos os novos sujeitos.

Também recorreremos aos sites de relacionamento (como o Facebook e o Orkut) que são muito utilizados por jovens para divulgação de suas produções. Através de uma conta aberta para o nosso grupo de pesquisa podemos contatar uma diversidade de participantes, obter informações sobre eventos e mesmo marcar encontros para conversas informais e entrevistas.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens integrantes do movimento *hip hop* local, desses, seis jovens (apenas duas mulheres) foram entrevistados (as) e outros (as) jovens responderam questionários. Os questionários aplicados ajudam a caracterizar os (as) participantes durante o mapeamento, procurando identificar características relevantes para o nosso estudo como bairro onde residem; idade; elemento que praticam; se atuam em outro movimento; se trabalham; estudam; a renda desses sujeitos; se são casados; possuem filhos; entre outras questões. Os (as) jovens entrevistados (as), responderam um roteiro com vinte e três perguntas, divididas em blocos com diferentes temáticas: inicialmente tratamos um pouco sobre o movimento *hip hop* desde sua inserção e as vivências; em outro momento enfocamos questões de gênero, questionamos sobre como a família vê a participação dos jovens no movimento, abordamos também a temática projeto de vida - procurando identificar as redes de apoio que esses sujeitos dispõem.

Todos (as) os (as) entrevistados (as) praticam o *Break*, destacamos também que esses (as) tiveram passagem em outros elementos, uma das jovens já praticou o grafite e um dos jovens foi MC e DJ; todos (as) os (as) participantes moram com a família, apresentando arranjos diversificados; apenas um dos sujeitos tem dois filhos e nenhum dos jovens é casado (a); apenas um dos jovens não trabalha; em relação à faixa etária, a maioria são jovens-jovens (17 – 24 anos) e apenas um jovem-adulto (25 – 29 anos); quanto à escolaridade, cinco estavam cursando o Ensino Médio e apenas um havia concluído. Em nosso questionário também achamos pertinente questionar a respeito da religiosidade dos (as) jovens, já que a partir desses achados poderíamos compreender as especificidades de alguns grupos e suas produções (como o RAP Gospel) ou mesmo as dificuldades que os (as) jovens de uma determinada religião vivenciam para se inserirem e manterem-se no movimento devido aos códigos de moral religiosa. Nesse sentido, quando questionados a respeito da religiosidade, dois jovens afirmaram ser católicos, uma evangélica, uma afirmou não ter religião e dois não responderam. Além disso, vale ressaltar, que outros jovens participaram ativamente do nosso estudo, porém por falta de disponibilidade não puderam ser entrevistados, mas nossa análise também considera as conversas informais que tivemos com esses sujeitos.

Em relação ao campo, levantamos os dados a respeito do *hip hop*, antes de ir à cidade de Caruaru, através dos estudos de Alves (2009). No primeiro semestre da pesquisa fizemos

uma visita à cidade para conhecer a realidade geográfica, sua dinâmica econômico-social e algumas localidades relevantes como o Alto do Moura que foi inclusive escolhida para abrigar uma festa promovida por jovens do movimento. Tratou-se do evento Caruaru In Rap que reuniu jovens de diferentes bairros como Centenário, Morro Bom Jesus, Salgado entre outros para shows com a demonstração do trabalho de alguns grupos de RAP da cidade. O “*estar lá*” (GEERTZ, 2005) propiciou momentos diferenciados ao longo do nosso trajeto de coleta de dados, foi uma oportunidade de conhecer e observar o movimento *hip hop* em diferentes contextos da cidade (morros, altos, praças, clubes, escolas).

A CIDADE DE CARUARU - CONTEXTUALIZANDO O CAMPO

Caruaru é o município mais populoso do interior do estado de Pernambuco, localizado na região do Agreste. Devido à sua importância regional, também é conhecido por seus habitantes como Capital do Agreste, Princesinha do Agreste e nacionalmente pelos festejos juninos, por isso também é chamada de A Capital do Forró. A cidade tem uma população residente (2010) de 314.951 habitantes, que vivem numa área territorial de 921 quilômetros quadrados. O município está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005, esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico inferior a 800 mm, o índice de aridez até 0,5 e o risco de seca maior que 60% ².

O Morro Bom Jesus, o ponto mais alto da cidade, com altitude de 630 metros, também é o bairro mais temido pelos moradores de Caruaru, sobre o qual predominam comentários negativos que enfatizam o risco e o perigo do lugar. Assim que chegamos à cidade podemos constatar, através da escuta de algumas conversas informais ou quando perguntávamos a respeito do Morro, o quanto as pessoas desprezam esse local e só o relacionam com violência, drogas, bandidos, traficantes, etc. O morro, em virtude de sua localização, poderia ser um cartão postal da cidade, não fosse seu aspecto social humano e a fama de ter se transformado em um lugar assustador (ALVES, 2009).

Logo, o Morro Bom Jesus e o bairro Centenário, embora localizados no centro da cidade, são reconhecidos como bairros de periferia, em virtude das condições socioeconômicas de sua população. Segundo Alves (2009), o Centenário situa-se na base Norte do Morro Bom Jesus, enquanto em sua base Sul, está o bairro São Francisco, as feiras,

² Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caruaru>. Acesso em: 10/05/2012.

da “sulanca”, do “artesanato” e, a tradicional e popular, “Feira de Caruaru”; todas localizadas no Pátio Treze de Maio.

A localização do Morro Bom Jesus faz dele um ponto estratégico para residência de uma população mais humilde, visto que possibilita aos seus moradores maiores condições de sobrevivência, disponibilizando o engajamento no mercado informal do centro comercial da cidade e a possibilidade de catar alimentos nas feiras do pátio Treze de Maio. O Centenário e o Morro Bom Jesus, bairros onde o *hip hop* encontra-se mais presente, são considerados as localidades mais violentas e esconderijos de “bandidos”, pela mídia local e pela maioria dos moradores do centro e outros bairros de Caruaru (ALVES, 2009).

O Caruaru In Rap, evento realizado no Alto do Moura, citado anteriormente, surgiu como oportunidade de inserção no campo e de um primeiro contato com os sujeitos da pesquisa:

Nesse momento, nosso foco principal seria proporcionar uma boa “abertura de campo”, conhecendo os jovens integrantes do *hip hop* em Caruaru e seus principais espaços de convivência. Sem dúvida, estava esperando ansiosamente esse momento de ida a campo, pois precisava observar e compreender aos poucos como se encontra o movimento na cidade, pois o único contato que tinha até o momento com o *hip hop* em Caruaru era através dos estudos do professor Adjair Alves que realizou pesquisa com os jovens *rappers*... Eu esperava ver e sentir o movimento em uma realidade completamente diferente da então pesquisada na cidade de Recife. (Diário de Campo- 04/12/2010).

Esse evento nos aproximou de alguns jovens integrantes do *hip hop* e a partir do primeiro contato com o campo podemos perceber algumas questões relevantes para o andamento e o direcionamento do nosso estudo, como a ausência das mulheres no movimento e os enfrentamentos vivenciados no cotidiano desses jovens para sobreviver em meio à “invisibilidade”, ao descaso, a despreocupação por parte dos governantes com a juventude local, a falta de incentivos, de políticas públicas, entre outros aspectos que favoreçam a sobrevivência dessa juventude esquecida.

O *hip hop* brasileiro visa, sobretudo, discutir a identidade juvenil pobre e negra, combater as desigualdades sociais, mobilizar novos comportamentos e estimular a reação crítica de seus participantes. O *hip hop* surge, em Caruaru, nesse espaço recortado de vielas e becos onde a vida torna-se permeada de sensibilidade, para então ser racionalizada. É aí, no contato com seus pares (ou grupos) que se torna possível a qualquer jovem sentir e vivenciar a rara oportunidade da livre-expressão através da arte, embora ainda sob olhares inquisidores, tendo que enfrentar o preconceito de quem não se convence da pluralidade (ALVES, 2009).

JUVENTUDE POBRE E ENFRENTAMENTOS COTIDIANOS

“Problemas... A gente enfrenta! Com o passar do tempo, a gente vai aprendendo. Bons frutos colhendo. Guerreiros somos nós, que sobrevivemos em conflitos de irmãos matando irmãos. Mães que perdem seus filhos! Tiros! Sangue no chão! Comunidade sofrida, almas sem perdão. Vários “noias” no beco torrando seu dinheiro. Bem vindo à quebrada, que cabra frouxo tem medo. É vei; que cabra frouxo tem medo...” (Trecho de “Cabra frouxo” composição da banda de RAP “Consciência Nordestina”).

A composição de RAP retratada aponta uma situação que os jovens têm de enfrentar no cotidiano. Nesse trecho fica evidente a exaltação do “*ethos*” da masculinidade e virilidade, como forças necessárias para permanecerem firmes. Os jovens de nossa pesquisa enfrentam desafios cotidianos, lutam para sobreviver, através da prática de algum elemento do *hip hop* em busca do reconhecimento e da conquista de seus objetivos, o movimento *hip hop*, em virtude de sua fruição no contexto social das periferias urbanas, desenvolve entre os “jovens periféricos”, diferentes linguagens performáticas e dissidências; estas originárias das estratégias de enfrentamento às oposições encontradas, no interior das relações sociais, na luta pelo reconhecimento (ALVES, 2009).

O jovem brasileiro, além de constituir uma parcela grande da população do nosso país, representa a camada do estrato societário que está inserida nas transformações sociais, culturais e econômicas que trazem novos aspectos para o viver em sociedade (CASTRO & CORREA, 2005). A maioria dos (as) jovens destaca que uma das maiores dificuldades em participar do movimento é a falta de incentivo, a falta de lugares para treinar, reunirem-se, etc.

Assim as dificuldades, eu acho a dificuldade é mais o incentivo, que assim... Caruaru é o quê? A capital do forró, aí tem muita gente que pensa assim: Ah! Lá respira cultura! Mas, a galera eu acho que devia dar um incentivo a mais “veio”, assim pra todo mundo, assim pra todo tipo, teatro, música, dança, acho que o incentivo deveria ser maior. Até porque, até onde a gente treina, na Casa da Cultura, já faz mais de seis meses que tá em reforma lá, faz uns seis meses ou cinco. Aí num tem espaço, a gente ia pra Prefeitura, aí a Prefeitura jogava pra lá, num tem espaço certo, num tem um espaço. [ênfatisa].

Os jovens pobres, vivendo as condições de uma inserção precária, não têm acesso a um amplo cardápio de possibilidades como aqueles de outras camadas sociais. Assim, poderíamos dizer que muitos programas para a juventude se caracterizam como forma de

gestão da liberdade dos jovens pobres. De um lado, tal liberdade significa, muitas vezes, a transferência ao sujeito da responsabilidade pelo seu futuro, sem que se lhe ofereçam bases materiais adequadas de gestão dessa liberdade. De outro lado, perpetuando uma matriz constante na ação com os jovens pobres, há uma preocupação de que tal liberdade seja vigiada, isto é, uma autonomia tutelada. Já presente nas suas formulações, com diferentes matizes, dependendo da equipe envolvida nos programas, reproduz-se também na ação cotidiana dos projetos a preocupação em ocupar o tempo livre dos jovens e tirá-los da rua com atividades muitas vezes recheadas de conteúdo moral (LEÃO, 2008).

Nosso estudo buscou compreender como os (as) jovens integrante do movimento *hip hop* que moram, em sua maioria, em bairros como o Centenário e o Morro Bom Jesus, a quem as oportunidades são extremamente reduzidas, e que sofrem pela carência de recursos, vive seu cotidiano enfrentando múltiplos problemas como a falta de qualidade de vida, de oportunidades de emprego, saneamento, entre outros. Quando fomos ao Morro Bom Jesus com dois jovens do movimento, um deles nos explicou o descaso que os moradores desse bairro enfrentam, no Morro não existe posto de saúde e a única escola tem sido apenas um lugar onde as crianças recebem uma merenda diária, a falta de políticas públicas é visível como a falta de saneamento básico. Tal é a condição de descaso e abandono social destas comunidades.

OS/AS JOVENS E SEUS PROJETOS DE VIDA

Castro & Correa (2005) destacam que falar do futuro, sobre planos e expectativas de vida dos jovens para o porvir é um modo de apreender o que estes trazem como valores e perspectivas para sua vida. Com essa orientação ouvimos o que eles/elas pensam e o que sonham para o futuro, em meio a tantas dificuldades vivenciadas no presente. Em relação aos seus projetos de vida, os (as) entrevistados (as) fazem referência ao movimento *hip hop*, ou seja, ressaltam a evolução no elemento que praticam e destacam a vontade de crescer e serem reconhecidos (as) dentro e fora do movimento. Os (as) jovens sentiram certa dificuldade em se imaginarem daqui a dez anos, um deles disse, após uma pausa demorada para pensar sobre a resposta:

Dançando eu quero tá, “né”? [*responde entusiasmado, depois de ter refletido por alguns instantes*]. E vivinho assim, vivo, principalmente, “né”? Pra dançar muito! [*risos*] Eu quero tá principalmente assim estável, “né”? Ter minha vida, “tipo”... [*pausa*] Casado assim, com filho ou filha, mas assim, estável, nem dever a ninguém e nem nada

assim tipo, minha vida, num ficar vamos dizer assim mendigando, tipo num ter terminado os estudos ou não ter já avançado demais o “sinal”, porque tem gente por aí que tem dois, três filhos e num tem nem a quarta série e nisso sem um emprego eu acho que... Num vou ser tão, espero, “né”? Tão ruim não, se Deus quiser. (Entrevistado 02 – Break – 25 Anos).

Para Velho (1997) não existe um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretativas. É a verbalização através de um discurso, que pode fornecer as indicações mais precisas sobre projetos individuais. É o caráter consciente do processo de projetar que vai diferenciá-lo de outros processos determinantes ou condicionadores da ação que não sejam conscientes.

O autor ressalta em seus estudos que o projeto de vida é entendido como um campo de possibilidades do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio histórico que trabalha com a dimensão individual e coletiva e abarca não apenas o futuro, mas as dimensões do passado e do presente. Já que existe essa ligação das dimensões de tempo passado – presente - futuro, percebemos que a maioria dos (as) jovens vinculam seu projeto de vida ao movimento *hip hop* falando do anseio de poder crescer no movimento.

Dessa forma, os projetos podem ser individuais ou coletivos; podem ser mais amplos ou restritos, com elaborações a curto ou médio prazo, segundo o campo de possibilidades. Logo, dependem dos contextos socioeconômico e cultural concretos em que cada jovem se encontra inserido, e que circunscrevem suas experiências. O projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens ou das mudanças no campo de possibilidades.

Juncken (2005) defende que o projeto é algo que pode ser comunicado e sua própria condição de existência é a possibilidade de comunicação, ou seja, para existir precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, sendo potencialmente público. Ele não é e nem pode ser fenômeno puramente subjetivo, apesar de estar relacionado com fantasias, sua matéria prima é cultural e de certa forma tem que “fazer sentido”, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado. Os contemporâneos do sujeito serão aliados, inimigos ou indiferentes, cujos projetos e condutas darão os limites dos projetos do sujeito.

Além disso, Velho (1997), também fala sobre a capacidade das pessoas de transformarem e substituírem seus projetos, já que elas têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade e por isso são influenciadas pela ação de outros indivíduos e pelas mudanças sócio-históricas. Há sempre algo irredutível no projeto devido a uma combinação

única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida. Mas, mesmo que o sujeito viva sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências.

Nesse contexto, durante nossa análise percebemos que existe uma diversidade de projetos, estes consideram tanto a dimensão individual quanto a coletiva. Vale ressaltar, que os projetos individuais que visam crescer no movimento como evoluir nos movimentos da dança não anulam projetos mais roteirizados como casar e ter filhos, mas notamos durante nossa análise que o casamento e a maternidade não ocupam mais lugar central para as mulheres como anteriormente. As jovens entrevistadas ressaltam a importância de estudar, de concentrar sua dedicação e seu esforço na busca pela realização de seus anseios futuros sejam eles profissionais ou de inserção no mercado de trabalho.

Eu quero tá formada, terminar o que eu gosto de fazer, primeiramente. Terminar meus estudos. Terminar o que gosto de fazer. Construir uma casa pra mim, ter o meu próprio canto pra lá na frente ninguém ter que reclamar. Entendeu? Ser independente! (Entrevistada 01 – Break – 18 Anos).

Percebemos também a preocupação dos (as) jovens em relação a como são vistas pela sua família, amigos ou na comunidade onde residem depois que entraram no movimento, na verdade notamos que essas são as pessoas com quem esses (as) jovens podem contar para dar apoio às questões interligadas a seus projetos de vida, ou seja, esses integram uma *rede de apoio* na concretização ou não desses projetos. Uma das entrevistadas afirma que pode contar para garantir seus projetos: *“Primeiramente com Deus “né”? A família em segundo lugar e principalmente comigo, porque aí seria força de vontade de eu ter o projeto de vida “né”?”* (Entrevistada 01 – Break – 18 Anos). Outra jovem destaca: *“Ah! Pelo menos com a minha família, “né”? Principalmente com a minha família, com meu pai e com a minha mãe.”* (Entrevistada 03 – Break – 18 Anos). A partir da análise dos dados levantados, foi possível constatar a importância dos campos família e movimento *hip hop* na rede de apoio dos (as) jovens entrevistados (as). Podemos perceber que a família foi mencionada por esses jovens, de forma expressiva, como fornecedora de apoio.

Os (as) jovens dizem que a entrada no movimento operou transformações (subjetivas e/ou objetivas) em suas vidas tanto em suas rotinas, quanto em seus trajetos, redes de relações sociais. Uma das jovens afirma que a entrada no movimento possibilitou mudanças positivas em seu contexto de vida, e resalta a importância da sua inserção no *hip hop*:

“[...] Antigamente eu era uma menininha fútil, só pensava em roupinha de marca, aí depois que eu conheci o movimento eu passei a ver que só era alienação, procurei... Tomei gosto pela leitura, por esses assuntos mais, é... Polêmicos, mais críticos. Aí mudei totalmente minha cabeça, ainda bem. [Risos].” (Entrevistada 06 – Grafite – 28 Anos).

O quinto elemento do *hip hop*, o conhecimento, enfatiza conteúdos e ações educativas voltados para a difusão de valores como paz, união, liberdade e justiça. O elemento conhecimento transversaliza os demais e é responsável pelas bandeiras ético políticas do movimento, visa preservar a história dos antepassados e a conexão dos jovens envolvidos com as lutas por direitos civis travadas pelo povo afro-americano via construção de uma nova cultura, que favoreça a tomada de consciência da desigualdade social e a luta contra as discriminações e desigualdades. Desse modo, as expressões culturais no movimento *hip hop* ganharam feições de protesto, demonstrando capacidade de organização dos grupos e de atuação comunitária, além de constituírem uma relação ambígua com a indústria cultural (COSTA & MENEZES, 2009).

Outro jovem destaca que *“[...] eu comecei a ver a vida assim com outros olhos depois que eu entrei no movimento coisas que eu não via, que eu tinha outra opinião [...].”* (Entrevistado 02 – Break – 25 Anos). Notamos através de nossos estudos que os (as) jovens valorizam, sobremaneira, essas *mudanças subjetivas* - seja na estima social (empoderamento), seja na prática da reflexão ou no estado de ânimo, seja na autoconfiança obtida com a inserção no movimento - ou *objetivas* - dominar técnica, se formar, casar, ter filhos, ser independente, abrir um negócio - proporcionadas pelo movimento em suas trajetórias de vida. Os planos “no interior do movimento *hip hop*” estão diretamente relacionados à capacidade dos (as) jovens de se fortalecerem enquanto coletivo, e a uma *rede de apoio*, ou seja, ao apoio que recebem – principalmente dos familiares, como vimos anteriormente, amigos e ao tipo de relação que estabelecem com seus parceiros afetivo-sexuais numa direção mais igualitária.

Além disso, a maioria dos jovens ressalta a importância do presente para a construção de seus projetos, quando perguntamos o que estão fazendo hoje para garantir seus projetos futuros eles destacam a importância e o papel da escola na concretização desses planos. Dessa forma, os jovens ressaltam a importância da educação para a realização de seus projetos *“Assim... Eu “tô” estudando, “né”? Tô concluindo o segundo grau, o ensino médio agora esse ano, “né”? E tô estagiando também.”* (Entrevistada 03 – Break – 18 Anos).

Dayrell (2005) ressalta que a escola pouco conhece o jovem que a frequenta, a sua visão de mundo, os seus desejos, o que faz fora da escola. Ao mesmo tempo, predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação à juventude. O jovem é visto na

perspectiva da falta, da incompletude, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato. Sem dúvida, é fundamental para o campo educacional compreender a importância da educação na visão dos jovens para a realização de seus projetos de vida futura. O sentido de educação para a vida transita entre o desenvolvimento de habilidades para lidar com o cotidiano e suas adversidades como também o desenvolvimento de habilidades para uma leitura crítica do cotidiano que possibilite transformações necessárias à efetivação da justiça social.

Logo, identificamos que a maioria dos (as) jovens tem um projeto de vida, que destaca o papel da educação e sua contribuição - apesar de reconhecerem a deficiência da escola pública brasileira – eles (as) idealizam uma escola possível que norteia sua existência e seu modo de ser, um referencial para o futuro, e inerentemente a isso a escola - apesar de todas as dificuldades que os jovens vivenciam nesse contexto - é vista como um dos instrumentos que podem tornar realidade esse projeto. Conforme destaca Dayrell (1996), a escola é essa esfera política, social e econômica validada pelo jovem como meio termo entre a vida adulta e a juventude vivenciada. No ínterim, constroem seus projetos, dando fôlego e impulso a suas expectativas de uma vida melhor, em que seus planos e anseios possam ser assegurados (DOS SANTOS; NASCIMENTO & MENEZES, 2012).

Devemos reconhecer o caráter educativo do movimento, tratado a partir das seguintes dimensões sugeridas por Almeida (2009): da construção da cidadania, da cultura política, da configuração do cenário sociopolítico e econômico, da subjetividade e da organização política. Considerando-se que a cidadania se refere ao campo da construção de direitos e da produção da democracia, sua ampliação necessita do processo de transformação das relações sociais, o que pode ocorrer por meio de práticas educativas que promovam o deslocamento dos lugares definidos social e culturalmente para determinados grupos destituídos de participação na dinâmica social (DAGNINO, 1994). Como podemos identificar na intencionalidade de algumas práticas educativas realizadas por jovens do movimento.

O caráter educativo do movimento, portanto, insere-se no processo de aprendizagem de formação cidadã, sobretudo, na construção de sujeitos criativos diante de suas realidades sociais, os quais têm a mudança social como o norte de suas práticas educativas. As práticas no âmbito do *hip hop* acionam processos: de conscientização para o agir coletivo, de (re)construção de concepções sobre o mundo e de investimento na formação do ser humano, preparando-o para o enfrentamento político das adversidades da vida.

Então, compreendemos que o movimento *hip hop*, por si só, não poderia operar toda essa gama de transformações, e daí vem a necessidade de uma aliança entre saberes, entre

compromissos e entre atores sociais. A escola, por sua referência histórica de contexto educativo, poderia facilitar o diálogo entre saberes, ultrapassando os limites do que é instituído. Ao não conseguir pôr em diálogo esses diferentes saberes, ela também não cumpre seu papel na sociedade democrática, a saber: seu compromisso com a participação político-social e com a formação da juventude para o exercício da cidadania (MENEZES; COSTA & FERREIRA, 2010).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em suma, nossa análise demonstrou que os projetos de futuro estão diretamente relacionados à capacidade dos jovens de se fortalecerem enquanto coletivo, e estão relacionados a uma *rede de apoio*, ou seja, ao apoio que recebem – principalmente dos familiares. As diferentes respostas sobre como estes (as) jovens imaginam o seu futuro apontam para expectativas de uma vida estável, estruturada em torno da família, valorizando por vezes o aprendizado de uma profissão e por outras, simplesmente, a conquista de um emprego. A realidade dos jovens integrantes do movimento é mais adversa, esses sujeitos estão imersos em um tecido social mais esgarçado e suas redes de apoio estão mais fragilizadas, por isso, encontram maiores impedimentos para a realização dos seus projetos de vida. Percebemos, que através da prática dos elementos do *hip hop* esses jovens buscam marcar aspectos positivos da sua condição social e racial; propor alternativas de experiências para outros jovens situados em regiões periféricas e trabalhar alertando para a necessidade da educação não formal como instrumento de mudança social.

Além disso, sobre o projeto de vida os (as) entrevistados (as) mostraram que o movimento *hip hop* faz parte de seus projetos individuais e coletivos e esses projetos são bastante diversificados. Identificamos que os (as) participantes apontam transformação da ordem subjetiva, re-significação/re-posicionamento de si mesmos (as) através do desenvolvimento no elemento/movimento, a partir da inserção no movimento *hip hop*. Aspectos relevantes tais como empoderamento, reconhecimento do seu papel social, mudança de posturas, facilidade em se comunicar, apontam conquistas que esperam efetivar, mudanças objetivas como “evoluir” nos trabalhos, ou seja, melhorar um traço ou fazer rimas, ou continuar atuando no movimento e ser reconhecido (a) através do mesmo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M. M. Entre ações coletivas e subjetividade: o caráter educativo dos movimentos sociais. **ECCOS Revista Científica**, São Paulo, v. 2, n. 1, jan./jul. 2009.

ALVES, A. **O Rap é uma guerra e eu sou gladiador**: um estudo etnográfico sobre as práticas sociais dos jovens hoppers e suas representações sobre a violência e a criminalidade. Recife, 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas– CFCH. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

CASTRO, L. R. de & CORREA, J. (colab.). **Mostrando a real**: um relato da juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2005.

COSTA, M. R. & MENEZES, J. A. **Juventude e Gênero no contexto do movimento hip hop da cidade de Recife**. Relatório Técnico Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - 2007-2009.

COSTA, R. C. & MENEZES, J. A. Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop. **Revista Em Pauta**. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Volume 6. Número 24, dezembro de 2009.

DAGNINO, E. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, E. (Org.). **Anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: J. Dayrell (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, J. O *rap* e o *funk* na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DAYRELL, J. O projeto de vida é a ação do indivíduo de escolher um dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias em objetivos a serem perseguidos. In: Projeto de Vida - Como os jovens brasileiros constroem no presente suas perspectivas de futuro. **Revista Onda Jovem**, São Paulo, ano 1, número 1, março – junho 2005.

DENZIN, N. & LINCOLIN, Y. Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, N. & LINCOLIN, Y. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Artmed, 2006. (Org.) 16-41.

DOS SANTOS, R. M., NASCIMENTO, M. A. & MENEZES, J. de A. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud. 10 (1), pp. 289-300, 2012.

GEERTZ, C. Obras e vidas: o antropólogo como autor. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

JUNCKEN, E. T. **Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia. Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

LEÃO, G. M. P. Educar, ocupar, vigiar: alcances e limites de um programa para jovens pobres. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 319-340, jan./jun. 2008 Disponível em: <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 30 de maio de 2011.

MATSUNAGA, P. S. **As representações sociais da mulher no movimento hip hop**. *Psicologia & Sociedade*; 20 (1); p. 108-116, 2008.

MELUCCI, A. **Movimentos sociais e sociedade complexa**: movimentos sociais na contemporaneidade. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre Movimentos Sociais/PUC-SP, 1997a. p. 11-63.

MENEZES, J. de A.; COSTA, M. R.; FERREIRA, D. de F. T. Escola e movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.12, n.esp., p.83-106, set. 2010.

MENEZES-SANTOS, J. de A. **Juventude e gênero no contexto do movimento hip hop de Caruaru**. Plano de Trabalho, PIBIC/FACEPE- 2011.

SPINK, P. M. J. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS**. Rio Grande do Sul, 1999.

TAVARES, B. Juventude e Sexualidade masculina no contexto Hip Hop. **Fazendo Gênero 9**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1264514002_ARQUIVO_Estiloerelacionamentojuvenis2.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2011.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 4. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.